

Introdução

O processo mediante o qual, duas gerações após a sua morte em 1579-80, ficou estabelecida a reputação de Luís de Camões como poeta supremo do século XVI português acha-se longe de se encontrar esclarecido, enredado como está entre a controversa subida ao trono português de Filipe II em 1580-81 e os vinte e oito anos de guerra que se seguiram à Restauração de 1640. O processo de crescimento do seu estatuto como um dos grandes poetas épicos do Renascimento Europeu pode ter ajudado: as primeiras traduções não-ibéricas de *Os Lusíadas*, inglesa e italiana, são da década de 1650. Esta reputação conserva-se indiscutível até hoje.

Em Portugal, porém, uma consequência curiosa foi que mesmo em vida, e mais ainda depois da morte, começaram a atribuir-se poemas a Camões escritos pelos seus contemporâneos. Dois editores posteriores foram decisivos neste processo, Faria e Sousa e o Visconde de Juromenha. Nas suas respetivas edições de 1685-89 e 1860-69, imputaram a Camões praticamente todos os poemas que admiravam daquela época. É como imaginar uma situação na qual os melhores poemas de Sidney, Spenser, Marlowe, Jonson e Donne fossem atribuídos a um megapoeta chamado Shakespeare. Os grossos volumes que daí resultaram não somente obscureceram o génio de Camões, mas também tornaram praticamente invisível a relação dele com os seus contemporâneos.

Muita da investigação portuguesa produzida durante o século passado dedicou-se a cortar estas atribuições pela metade ou mais. Dos 380 sonetos atribuídos a Camões por Teófilo Braga na edição do Tricentenário de 1880, menos de 160 sobrevivem em algumas das edições modernas. O resultado tem sido um cânone camoniano muito mais plausível. Ao estudar-se, por exemplo, pelas edições de Álvaro J. da Costa Pimpão (1972 e 1994), Maria de Lurdes Saraiva (1980-81) ou Leodegário A. de Azevedo Filho (1985-2001),

Introduction

The process by which, within two generations of Luís de Camões' death in 1579-80, his reputation as the supreme poet of sixteenth century Portugal became established is far from clear, entangled as it is between Philip II's disputed accession to the Portuguese throne in 1580-81 and the twenty-eight-year war following the Restoration of 1640. The parallel process by which his status was growing as one of the major epic poets of the European Renaissance may have played a part: the first non-Iberian translations of *The Lusíads*, English and Italian, date from the 1650s. To this day, this reputation remains unquestioned.

In Portugal, however, one curious consequence was that even in his lifetime, and accelerating after his death, poems began to be attributed to Camões that were actually written by his contemporaries. Two later editors were crucial in this process, namely, Faria e Sousa and the Viscount of Juromenha. In their respective editions of 1685-89 and 1860-69, they assigned to Camões pretty well any poems they admired from the period. One has to imagine a situation in which the finest poems by Sidney, Spenser, Marlowe, Jonson, and Donne were attributed to a mega-poet called Shakespeare. The fat tomes that resulted not only obscured Camões' own genius, but made his relationship with his contemporaries virtually invisible.

Much Portuguese scholarship during the last century was expended in cutting these attributions by between half and two-thirds. Of the 380 sonnets credited to Camões in Teófilo Braga's tercentenary edition of 1880, less than 160 survive in some modern editions. The result has been the creation of a much more plausible Camões canon. Studying, for example, editions by Álvaro J. da Costa Pimpão (1972 and 1994), Maria de Lurdes Saraiva (1980-1981) or Leodegário A. de Azevedo Filho (1985-2001), you are much more likely than a century earlier to be reading what Camões actually wrote.

lê-se, muito mais provavelmente do que um século antes, aquilo que Camões de facto escreveu.

Mas aonde foram os poemas retirados do cânone camoniano? Muitos deles eram bons, e foi precisamente porque a sua excelência foi reconhecida por aqueles editores dos séculos xvii e xix que surgiu o problema das atribuições. Eles pertencem, é claro, aos seus autores originais – poetas como Sá de Miranda, Sá de Meneses (o Conde de Matosinhos), Manuel de Portugal, António Ferreira, Pêro de Andrade Caminha, Diogo Bernardes e numerosas figuras menores que merecem sair da sombra de Camões.

Ao trazer de volta a maioria destes nomes como poetas de mérito, não nos limitámos aos poemas mal atribuídos, nem sequer aos poetas que sofreram tal destino. Fazê-lo teria significado, curiosamente, perpetuar a injustiça original, deixando esses poetas na mesma sombra donde queríamos tirá-los. Chegámos a pensar se o título deste livro deveria incluir o nome de Camões, uma vez que a sua inclusão torna inevitáveis as comparações. Infelizmente, a história literária portuguesa está cheia de comparações assassinas.

Pêro de Andrade Caminha, de quem aqui fazemos uma breve seleção, é um bom exemplo. Para certo membro setecentista da Academia das Ciências de Lisboa, a expressão poética de Caminha era *confusa, obscura, baixa* e, como se não bastassem estes adjetivos, era também *lodosa*. Portanto, logo desde o século xviii, o paradoxo encontrava-se estabelecido. Os poemas, por causa da sua qualidade, eram atribuídos a Camões. Mas os poetas não eram dignos de lhe desatar a correia das sandálias. Vários outros comentadores poderiam ser citados ao mesmo propósito. Para a maioria, o objectivo era o de diminuir todos os que pudessem fazer sombra ao autor de *Os Lusíadas*. Ainda no *Camões* (1946) de Leitão de Barros, um filme de enorme êxito entre a crítica e considerado de “interesse nacional” pelo próprio Salazar, o ator que desempenhou o papel de Caminha recebeu uma menção honrosa do Secretariado Nacional da Informação pela representação da figura dum miserável intriguista capaz apenas de maus versos. Diz uma personagem do filme a Camões: “Depois dos vossos, não há mais versos em Portugal”. E assim parecia.

Mas não era só a propaganda salazarista que difundia e premiava estas ideias. Também os opositores mais constantes as sublinhavam. Sirva por todos Aquilino Ribeiro, extraordinário prosador. Para ele, Diogo Bernardes foi o autor de “nébias chochas” com “mão blandiciosa”; de Jerónimo Corte-Real, afirma simplesmente que “tudo o que se diga dele é em desabono”; os outros

But where were the poems displaced from the Camões canon to go? Many were fine poems, and it was precisely because their excellence was recognised by those seventeenth and nineteenth century editors that the attribution problem arose in the first place. They belong, of course, to their original authors – to poets like Sá de Miranda, Sá de Meneses (the Count of Matosinhos), Manuel de Portugal, António Ferreira, Pêro de Andrade Caminha, Diogo Bernardes, and to numerous lesser figures who deserve to be brought out of Camões' long shadow.

In bringing most of these names to life as poets of merit, we have not limited ourselves to the actual poems that were falsely attributed, nor indeed to the individual poets who suffered this fate. To have done so would, in a curious manner, have been to perpetuate the original injustice, leaving these poets in the shade from which our aim is to retrieve them. We have even wondered whether the title of this book should include Camões' name, since its inclusion makes comparisons inevitable. Unfortunately, Portuguese literary history is full of killer comparisons.

Pêro de Andrade Caminha, of whom we offer a brief selection, is a good example. For one eighteenth-century member of the Academy of Sciences of Lisbon, Caminha's poetic expression was "confused", "obscure", "debased" and, as if these adjectives weren't enough, it was even "foetid". Thus as early as the eighteenth century, the paradox was established. The poems, because of their quality, were attributed to Camões. But the poets themselves weren't fit to tie his bootstraps. Several other commentators from later periods could be cited to the same end. For the majority, the aim has been to diminish anything that could overshadow the author of *The Lusíads*. Even in Leitão de Barros' *Camões* (1946), a film enjoying great success and considered of "national interest" by Salazar himself, the actor playing the part of Caminha received an honourable mention by the National Secretariat of Information for his representation of a miserable conspirator, capable only of bad verses. One character in the film tells Camões: "After yours, there are no more verses in Portugal." And so it seemed to be.

For the twentieth century, it was not only Salazarist propaganda that disseminated these ideas. Even Salazar's most persistent opponents underlined them. Aquilino Ribeiro, an extraordinary prose writer, may stand for all of them. For him, Diogo Bernardes was the author of "vapid dirges" of a "flattering hand"; of Jerónimo Corte-Real, he states simply that "all that can be said of

escrevem “insípidas mexerufadas”. Na mesma altura em que se retiravam os textos destes poetas do cânone camoniano, Camões estabelecia um contraste absoluto: tudo nele, para Aquilino, é vivo e grande. Bem pode perguntar-se para que servia uma tal política de terra queimada.

Neste contexto histórico incomum e extremo, *Os poetas que não eram Camões* torna-se, mais do que numa antologia, numa espécie de manifesto, um manifesto pela diferença. Embora estes poetas pertencessem à mesma época e quase sempre à mesma geração, embora fossem leais às mesmas regras e aos mesmos princípios da arte verbal, pensavam, sentiam e escreviam doutras maneiras. Hoje em dia, a tentação é grande de incluir poemas de mulheres, poemas sobre escravos negros, poemas de intervenção social, moral e política aparentemente mais condizente com o nosso tempo; quer dizer, poemas que, de outro modo e em outros tempos, dificilmente surgiriam apresentados. Cedemos, com gosto, a essa tentação. Cremos que o leitor encontrará aqui algumas boas surpresas. Poderá verificar que os poetas do tempo de Camões nem sempre tiveram só amores infelizes, nem sempre injuriaram muçulmanos, nem pensaram em mulheres principalmente como objetos de desejo erótico, como ele.

Mas se o apelo à diferença é uma marca incontornável do nosso tempo e da antologia, esta evidencia também um património comum de modos e assuntos. Alguns destes poetas escreveram belos poemas de amor, como Camões, escreveram versos de exaltação heroica, como Camões, fizeram crítica política, como Camões, escreveram muito em géneros e formas – como o soneto, a canção, a ode e a epopeia – privilegiados por Camões. Mitologia greco-romana e devoção cristã, guerra e paz, amor e humor, motivos individuais e participação coletiva, quase tudo, enfim, que encontramos na poesia de Camões vemos também, deixando íntegras as diferenças, em outros poetas da sua geração.

Por conseguinte, casos como este, onde a institucionalização de um único escritor foi particularmente inflexível, fornecem-nos razão acrescida para o título escolhido. Esta não é tão-somente mais uma antologia do não-instituído e do não-canónico. Alguns destes poemas, os de Joana da Gama, por exemplo, nunca foram objeto de crítica e interpretações estabelecidas. Não foram lidos, pelo menos desde que há memória. São poemas sem histórias de leitura. Outros, como os de Corte-Real, Ferreira e Bernardes, fizeram originalmente parte do cânone antes de serem sistematicamente expulsos. Neste sentido,

him is to his discredit"; as for the rest, their writings are "insipid pigswill". Even as their work was being retrieved from the Camões canon, Camões stood as their absolute contrast: for Aquilino, everything concerning Camões was alive and great. One may well wonder why all this scorched-earth policy was felt to be necessary.

In this unusual and extreme historical context, *The Poets Who Weren't Camões* becomes not only a poetic anthology but also a kind of manifesto, a manifesto for difference. Although these poets belonged to the same epoch and almost entirely to the same generation, though they were loyal to the same rules and principles of verbal art, they thought, felt and wrote in other ways. Nowadays, the temptation is great to include poems by women, poems about black slaves, poems of social, moral and political intervention, apparently more in keeping with our time; that is to say, poems that, otherwise and in other times, would hardly have been included. We willingly succumbed to this temptation. Readers will encounter here some fine surprises. They may find that the poets of Camões' time weren't always unhappy lovers, nor did they revile Muslims almost every time, nor considered women primarily as objects of erotic desire, as he did.

But if the appeal to diversity is an inescapable mark of our time, this anthology is evidence, too, of a common heritage of moods and themes. Some of these poets wrote beautiful poems of love, like Camões, wrote verses of heroic exaltation, like Camões, made political criticism, like Camões, wrote much in genres and forms – sonnets, hymns, odes, and epics – privileged by Camões. Graeco-Roman mythology and Christian devotion, war and peace, love and humour, individual motifs and collective participation, almost everything, in short, that we find in the poetry of Camões we also find, leaving intact the differences, in other poets of his generation.

Therefore, cases such as the present one, where the institutionalization of only one writer has been particularly inflexible, supply us with a further reason for the title we have chosen. This is not just another anthology of the non-institutionalized and the non-canonical. Some of these poems, Joana da Gama's, for example, have never been the subject of established interpretative or critical readings. They were not read, at least as long as anyone can remember. They are poems without reception histories. Others, however, such as those of Corte-Real, Ferreira and Bernardes, were originally part of the canon before being comprehensively expelled. In this sense, this anthology provides unclouded

esta antologia pretende trazer luz não toldada e acesso desimpedido a poemas anteriormente invisíveis. Afirmar que *não são de Camões* é equivalente a exprimir a nossa vontade de que estes poetas voltem a ser objeto de leitura, quer juntamente com, quer separadamente de, Camões.

O primeiro poeta da nossa seleção é Joana da Gama (?-1586). Pouco se sabe dela, para além do facto de que viveu independente, afastada dos círculos da corte e da universidade, gerindo os seus negócios. Mas foi o primeiro autor na língua a imprimir um conjunto autónomo de poemas próprios que, considerando o relativo isolamento em que viveu, são notáveis por não ignorarem a “medida nova” de origem italiana chegada a Portugal por via de Espanha e da poesia de Sá de Miranda. Não se sabe se Camões a conheceu, mas a sua poesia nunca foi confundida com a dele.

O contrário se passa com as nossas escolhas seguintes, Francisco Sá de Meneses, Conde de Matosinhos (1514?-1582) e Manuel de Portugal (?-1606). Ambos homens de alta distinção, cortesãos proeminentes com currículo de serviço público, familiarizados, quer com a esfera pública, quer com a religiosa. Sá de Meneses, em particular, foi uma espécie de figura paterna para os outros poetas, com António Ferreira, Jerónimo Corte-Real, Pêro de Andrade Caminha e Diogo Bernardes reconhecendo o que lhe deviam e até buscando a sua opinião crítica. Ambos possuíam conhecimento extensivo dos clássicos latinos e ambos dominavam perfeitamente o verso novo importado de Itália. Ambos tiveram alguns dos seus poemas atribuídos a Camões, mas Manuel de Portugal foi também amigo deste e o destinatário de uma das melhores odes camonianas, reconhecendo o seu patrocínio (“Na vossa árvore, ornada de honra e glória, / achou tronco excelente / a hera florecente / para a minha”).*

António Ferreira (1528-1569) fornece outro contraste, particularmente em relação a Camões. Logo no século xvii, alguns dos seus poemas foram atribuídos ao autor de *Os Lusíadas* apesar das diferenças marcantes de estilo, e o Visconde de Juromenha, no prefácio da sua obra monumental, chegou ao ponto de citar versos de Ferreira como se tivessem sido escritos por Camões. Bem recebido na corte e amigo de Jerónimo Corte-Real, Andrade Caminha e Diogo Bernardes, preferia a vida sossegada de Coimbra, onde se diplomou, à função de juiz da Casa do Cível, em Lisboa. Dedicou-se por inteiro à métrica

* Ode que começa “A quem darão de Pindo as moradoras” (conhecida como Ode VII), vv. 36-39.

light and unimpeded access to poems previously invisible. Stating that they are *not by Camões* is tantamount to expressing our will that these poets be returned to reading status both with, and separately from, Camões.

The first poet in our selection is Joana da Gama (?-1586). Little is known about her, beyond the facts that she lived independently, apart from the court or university circles, and that she managed her own affairs. But she was the first author in the language to publish an autonomous printed collection of her own verse, and, considering her relative isolation, that verse is notable for being up to date with the “new measures”, Italian in origin and reaching Portugal via Spain and the poetry of Sá de Miranda. It is not known whether Camões knew her poetry, and her work was never confused with his.

The opposite is true of our following choices, Francisco Sá de Meneses, Count of Matosinhos (1514?-1582), and Manuel de Portugal (?-1606). Both were men of great distinction, prominent courtiers with a record of political service, equally at home in the public and religious spheres. Sá de Meneses in particular was something of a father figure to his fellow poets, with António Ferreira, Jerónimo Corte-Real, Pêro de Andrade Caminha, and Diogo Bernardes acknowledging a debt to his example and even seeking his criticism. Both poets had extensive knowledge of the Latin classics and both were skilled practitioners of Italianate verse. Both had certain of their poems attributed to Camões, but Manuel de Portugal also enjoyed Camões' friendship and was the addressee of one of his finest odes, acknowledging patronage (“I found a stem there on your tree / festooned with honour and glory”.)*

António Ferreira (1528-1569) provides a further contrast, particularly with Camões. Already in the late 17th century some of his poems were attributed to the author of *The Lusíads* in spite of the marked differences in style, and the Viscount of Juromenha, in the preface to his monumental work, went as far as quoting lines by Ferreira as if they had been written by Camões. Welcomed at the Portuguese court and a friend of Jerónimo Corte-Real, Andrade Caminha, and Diogo Bernardes, his preference was for the quiet life of the university town of Coimbra and he hated his appointment as Judge in the Lisbon Court of Appeals. Metres created by the Italian vernacular were the sole object of

* Camões, “To whom will the dwellers on Mount Pindus”, ll. 36-7, transl. Landeg White, *The Collected Lyric Poems of Luís de Camões* (Princeton University Press, 2008, pps. 291-2).

criada pelo vernáculo italiano, deixando de parte as redondilhas da “medida velha” tradicional ibérica. Uma característica inusitada dos seus sonetos é a frequência com que tratam dum amor feliz mais do que de lamentos à maneira petrarquista. Mas Ferreira foi pioneiro no verso branco português, o metro principal da sua justamente famosa tragédia *Castro*, uma das obras temporãs da literatura europeia moderna no seu género.

Jerónimo Corte-Real (?-1588), por outro lado, foi considerado por contemporâneos como estando ao mesmo nível de Camões como poeta épico. Imensamente prolífico e enormemente versátil, conhecido também como pintor e músico, publicou três longos poemas narrativos, a saber o *Segundo Cerco de Diu*, a *Felicíssima Vitória de Lepanto* e *Sepúlveda e Lianor*, além de outros poemas aqui não seleccionados. Tanto quanto saibamos, nunca visitou as partes do mundo onde os seus poemas situam as ações, mas estes são notáveis, entre outros motivos, pelo olhar compreensivo que dirigem aos inimigos de Portugal, sejam eles africanos, indianos ou muçulmanos.

Pêro de Andrade Caminha (152?-1589) e Diogo Bernardes (?-1594?) parecem-se com o par Sá de Meneses e Manuel de Portugal, na medida em que, sendo muito diferentes entre si, constituem-se ambos como alternativas líricas a Camões. Caminha tem sido há muito vítima do mito de que foi rival ciumento de Camões, tanto no amor como na poesia. Mas não há qualquer prova séria deste facto, e a qualidade e diversidade da sua poesia falam por si. Muitos dos seus poemas foram escritos na forma tradicional das cantigas e vilancetes, muitos compostos para música. Mas também escreveu em toda a gama de formas derivadas de Petrarca. Os sonetos, embora expondo amiúde as angústias do sujeito amoroso, no final reconciliam (por contraste com muito de Camões) as exigências do desejo físico e espiritual, do amor humano e divino.

Diogo Bernardes é, de todos estes poetas, o mais difícil de tirar da sombra de Camões. O número de poemas seus, especialmente sonetos, atribuído ao autor de *Os Lusíadas*, e o número de ideias e imagens partilhado por ambos, indiciam um grau de envolvimento poético que contradiz a ausência de quaisquer referências a Camões na extensa correspondência onde louva outros poetas. Foi amigo de Ferreira e Caminha, e contribuiu com sonetos para o *Segundo Cerco de Diu* e a *Felicíssima Vitória* de Corte-Real. Parece provável que Camões e ele se aproximaram apenas depois de o primeiro ter regressado da Índia em 1570. Mas Bernardes foi um poeta prestigiado por direito próprio

his taste, having little use for the traditional Iberian *redondilha* measures. One unusual feature of his sonnets was how often they made room for fulfilled love rather than complaining in the Petrarchan manner. But he was a pioneer of Portuguese blank verse, the principal measure of his justly renowned tragedy *Castro*, an early work of its kind in terms of modern European literature.

Jerónimo Corte-Real (?-1588), on the other hand, was considered by contemporaries Camões' equal as an epic poet. Immensely prolific, and immensely versatile, being known also as a painter and a musician, he published three long narrative poems, namely *The Second Siege of Diu*, *The Most Famous Victory of Lepanto* and *Sepúlveda and Lianor*, along with other poems not represented here. As far as we know, he never visited the parts of the globe where these epics are set, but they are notable, amidst other reasons, for the sympathetic ear they lend to Portugal's enemies, whether Africans, Indians, or Muslims.

Pêro de Andrade Caminha (152?-1589) and Diogo Bernardes (?-1594?) are like the pairing of Sá de Meneses and Manuel de Portugal, poets very different in themselves but standing as lyric alternatives to Camões. Caminha has long been victim of a myth that he was Camões' jealous rival, both in love and in poetry. But there is no serious evidence for this, and the quality and diversity of his poetry speak for themselves. Many of his poems were in the traditional forms of *cantigas* and *vilancetes*, many incidentally set to music. But he also composed in the whole range of forms deriving from Petrarch. His sonnets, although often bringing to view the anxieties of the loving subject, in the end reconcile (in contrast with much of Camões) the claims of physical and spiritual desire, of human and divine love.

Diogo Bernardes is the hardest of these poets to retrieve from Camões' shadow. The number of his poems, especially his sonnets, attributed to the author of *The Lusíads*, and the number of shared ideas and images, suggest a degree of poetic involvement that is contradicted by the absence of any references to Camões in his extensive correspondence in which he praises other poets. He was a friend of Ferreira and Caminha, and contributed sonnets to Corte Real's *Second Siege of Diu* and *The Most Famous Victory of Lepanto*. It seems probable he and Camões became close only after the latter's return from India in 1570. But Bernardes enjoyed prestige in his own right in all the principal lyric forms, and he merits more attention than as a textual problem in the appendices to editions of Camões.

em todas as formas líricas principais e merece mais do que ser reduzido a um problema textual nos anexos das edições camonianas.

Com José de Anchieta (1534-1597) conclui-se a antologia. Como Joana da Gama, é uma espécie de figura marginal neste livro, missionário em vez de cortesão, e português apenas por adoção. A sua poesia destaca-se pelo uso de formas e temas tradicionais para fins de evangelização do povo tupi no Brasil, e consegue com ela uma suavidade e concisão que lembram George Herbert. Anchieta foi recentemente canonizado pelo Papa Francisco.

A escolha destes oito nomes poderá surpreender alguns leitores também por causa da ausência duma série de outros. Gil Vicente, Francisco Sá de Miranda e Bernardim Ribeiro também foram grandes poetas, sob alguns aspetos maiores ainda do que os da geração aqui ilustrada, sem excluir Camões, mas nasceram e atingiram a maturidade literária muito antes. Foram predecessores, e influências importantes sobre a geração de Camões, mais do que contemporâneos. Por outro lado, poetas como Vasco Mousinho, Fr. Agostinho da Cruz, Francisco Rodrigues Lobo, Martim Castro do Rio, Soropita e outros pertenciam a uma geração mais jovem, contemporânea de Shakespeare e Donne, e especialmente produtiva a partir da década de 1590. Há ainda outras exclusões. À parte o de Ferreira, esta antologia não inclui poemas dramáticos. A literatura portuguesa do tempo de Camões é relativamente fértil em versos para teatro. Geral ignorância deste facto, porém, implica uma grande dificuldade em descobrir os seus melhores valores. Parece indubitável, por exemplo, que António Prestes foi um dramaturgo de grande êxito e grande qualidade na segunda metade do século XVI, mas só a pouco e pouco se começa a perceber porquê.*

Uma característica extraordinária de alguns destes poetas portugueses de Quinhentos é a consciência de que, como Dryden e Pope, mas dois séculos antes, estavam a construir uma tradição poética nacional. Considerem-se estes versos da Carta VII de Diogo Bernardes “a Pero de Lemos, Secretario da Marquesa d’Alcanisas, estando no Porto, em reposta doutra carta sua”, publicada em 1596 mas obviamente composta antes da morte de António Ferreira em 1569:

* Sobre este dramaturgo, ver Eugenio Asensio, “O teatro de António Prestes (notas de leitura)” in José Camões e Helena Reis Silva (eds.), *Autos de António Prestes*, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008, pp. 721-757.

With José de Anchieta (1534-1597), this anthology concludes. Like Joana da Gama, he is something of an outsider in this book, a missionary rather than a courtier, and Portuguese only by adoption. His poetry is distinguished by its use of traditional forms and themes to the purpose of evangelization among the Tupi people of Brazil, and he achieves in it a sweetness and economy that puts one in mind of George Herbert. Anchieta was recently canonized by Pope Francis.

The choice of these eight names may surprise some readers also because it leaves off a number of others. Gil Vicente, Francisco Sá de Miranda and Bernardim Ribeiro were also great poets, in some respects perhaps even greater than those of the generation here illustrated, not excluding Camões, but they were born and reached literary maturity much earlier. They were predecessors and important influences on Camões's generation, rather than contemporaries. On the other hand, poets such as Vasco Mousinho, Fr. Agostinho da Cruz, Francisco Rodrigues Lobo, Martim Castro do Rio, Soropita and others belonged to a younger generation, contemporary of Shakespeare and Donne, and especially productive from the 1590s onwards. There are other exclusions. Apart from Ferreira's, this anthology does not include texts for the theatre. The Portuguese literature of the time of Camões is relatively fertile in dramatic verse. General ignorance of this fact, however, implies a great difficulty in finding its best values. It seems indubitable, for example, that António Prestes was a playwright of great success and great quality in the second half of the sixteenth century, but only slowly has his case been established.*

It is a remarkable feature of some of these sixteenth century Portuguese poets that, like Dryden and Pope, but two centuries earlier, they were aware they were forging a national poetic tradition. Consider these lines from Diogo Bernardes' "Letter VII to Pero de Lemos, secretary to the Marchioness d'Alcanisas, residing in Oporto, in reply to his letter", published in 1596 but evidently composed before António Ferreira's death in 1569:

* On this dramatist in English, see Hélio J. S. Alves, "Sooner than Shakespeare: inwardness and lexicon in the drama of Gil Vicente and António Prestes", T. F. Earle and Catarina Fouto (eds.), *The Reinvention of Theatre in Sixteenth-Century Europe. Traditions, Texts and Performance*, London: Legenda, 2015, 11-26.

Se pretendes louvar os claros lumes
Da Musa Portuguesa, doce, e branda,
Que d'Amor tem escrito altos vollumes,

Lá tens o grande Sá, não Sá Miranda,
De quem o mortal só morte apagou,
De quem a fama viva entre nós anda.

O de Meneses digo, o qual honrou
Consigno as nove irmãs, e tens seu filho,
Que na brandura mais se levantou.

Tens o nosso Ferreira, e tens Castilho,
E dous Andrades, todos luz do monte,
Dos quaes Febo, eu não só me maravilho.

Tens Sylva, tens Sylveira, que na fonte
Apos Miranda se banharão logo;
E porque mais em outros não t'aponte,

Tens o de Portugal, qu'em claro fogo
Dum raro amor, se vay todo abrazando,
Sem lhe vallerem lagrimas, nem rogo.

Destes teu doce canto vá soando,
Destes escuyta tu o doce canto,
Não de mim que já rouco, em serras ando.

Camões está ausente, talvez porque ainda não tinha voltado da Índia. Mesmo assim, o sentido de comunidade e duma literatura nacional a ser criada é palpável. Mais tarde, muito provavelmente durante o primeiro lustro da década de 1590, um autor anónimo que se designa a si mesmo como estudante universitário, fidalgo e pobre, experimenta uma sua versão do cânone:

If you wish to extol the clear flames
of the Portuguese muse, so sweet and tender,
that has written of love in lofty volumes,

You have the great Sá, not Sá Miranda
whose mortality only death erased,
but whose fame yet in our midst wanders,

The one I'm speaking of is Meneses,
by the nine sisters honoured, his son also
still more exalted in his sweetness.

You have our Ferreira, you have Castilho,
and the two Andrades, all lights on the mountain,
at whom not just I but Phoebus marvels.

You have Sylva and Silveira, who in that fountain
bequeathed by Miranda already immerse,
along with many more I can't note down.

You have him of Portugal, in whom the clear flames
of a rare love, have enraptured all,
tears not availing, nor orisons.

In these resounds your sweet madrigal,
in these you may hear the sweet song,
not my own now hoarse, striding the hills.

Camões is absent, perhaps because he had not yet returned from India. But still the sense of community and of a national literature being created is palpable. Later on in the century, most probably in the early-to-mid 1590s, an unknown writer who calls himself a poverty-stricken aristocratic college student has his own take on the growing canon:

Os Portugueses peytos não domados
cante Corte Real digno de estima;
os mares so por elles navegados
celebre o bom Camoens em grave rima;
as magoas e os amores delicados
Alcido cante junto do seu Lima;
Mostre o Pereyra a quem o não sabia
O sangue inda hoje fresco em Berberia.*

Esta antologia recupera quatro nomes (Sá de Meneses, Manuel de Portugal, António Ferreira e Andrade Caminha) do catálogo de Bernardes, mais dois (Corte-Real e “Alcido”, que representa Diogo Bernardes) da lista do estudante. Documentos como estes mostram que todos os poetas referidos foram importantes para o desenvolvimento da linguagem poética que moldou o país, ao mesmo tempo que não parecem menos apreciados do que Camões. É objetivo duma antologia como esta fornecer alguma indicação de porque assim foi.

As comparações implícitas com a literatura inglesa coeva, que temos invocado até agora, não trazem qualquer desvantagem para a portuguesa. Os oito poetas aqui traduzidos foram contemporâneos de George Gascoigne (1535-1577), a quem normalmente se descreve como preenchendo a lacuna entre os anteriores Wyatt e Surrey e o posterior Philip Sidney – um período, em suma, pouco animado das letras inglesas e uma geração antes do grande período isabelino.

Chaucer foi o primeiro a apresentar os sonetos de Petrarca aos leitores ingleses com a sua idealização do amor não correspondido (o seu *Troilus and Criseyde*, devedor das novas formas italianas, inclui uma versão de *S’amor non è, che dunque è quel ch’ io sento?*). Wyatt e Surrey também traduziram Petrarca, mas os seus sonetos são lembrados sobretudo pelas inovações técnicas na mudança da estrutura oitava-sexteto do italiano para três quadras rimadas separadamente e rematadas por um dístico – em suma, aquilo que ficou conhecido como o soneto shakespeariano, segundo o nome do seu melhor praticante. Mas acha-se pouco nos sonetos ingleses de meados

* Citamos do manuscrito da Biblioteca Nacional de Portugal cod. 11603, fl. 82r. Mas o texto aparece noutros manuscritos e no *Postilhão de Apolo*, coletânea poética impressa no século XVIII, com pequenas variantes.

Of the Portuguese unconquered hearts
 sings Corte-Real, worthy of esteem;
 the seas by them alone navigated
 praise good Camões in serious rhyme;
 the griefs and loves, though delicate,
 Alcido sings next to his river Lima;
 Pereira reveals to whoever doesn't know
 the spilled blood still fresh in Morocco.*

This anthology retrieves four names (Sá de Meneses, Manuel de Portugal, António Ferreira and Andrade Caminha) from Bernardes' catalogue, plus two (Corte-Real and 'Alcido', who represents Diogo Bernardes) from the student's. Documents such as this show that all these poets were important to the growth of the poetic language that moulded their country, while not seeming less valued than Camões. It is the job of an anthology such as this one to provide some indication of why this was so.

The implicit comparisons we have been invoking with contemporary English literature work by no means to Portugal's disadvantage. The eight poets translated here were contemporaries of George Gascoigne (1535-77), usually described as filling the gap between the earlier Wyatt and Surrey, and the later Sir Philip Sidney – not, in short, a lively period in English letters, and a generation before the great Elizabethan period.

Chaucer was the first to introduce Petrarch's sonnets with their idealisation of unrequited love to English readers (his *Troilus and Criseyde*, itself indebted to the new Italian forms, includes a version of *S'amor non è, che dunque è quel ch' io sento?*). Wyatt and Surrey also translated Petrarch, but their sonnets are best remembered for their technical innovation in modifying the close-rhymed octave-sestet structure of the Italian to three separately rhymed quatrains and a concluding couplet – in short, what became known as the Shakespearean sonnet after its most accomplished practitioner. But there is little in English

* Translated from a manuscript from Portugal's National Library (cod. 11603, fl. 82r). But the text appears in other sources, including a printed poetry collection from the 18th century, with small variations.

de Quinhentos que se possa comparar com a densidade e variedade, com a pura fineza de engenho, dos sonetos aqui apresentados da autoria de Sá de Meneses, Manuel de Portugal, Caminha e Bernardes.

Do mesmo modo, não existe um equivalente britânico de Jerónimo Corte-Real. Edmund Spenser compôs a única grande epopeia dos finais do século XVI, mas é moderna apenas nas referências alegóricas, pois todos os mecanismos são medievais. De qualquer modo, a primeira publicação parcial do poema em 1590 e a influência que Tasso exerceu sobre Spenser mostra que *The Faerie Queene* é um produto posterior em tudo aos épicos portugueses. É tentador especular que, se Corte-Real tivesse nascido em Inglaterra, poderia ter achado nos primórdios do teatro isabelino um veículo para o seu gosto por narrativa rápida e ampla com grande variedade de personagens, mediante o emprego do pentâmetro iâmbico sem rima (verso heroico) introduzido no inglês por Surrey nas traduções de Virgílio.

Poder-se-á talvez encontrar paralelo entre Joana da Gama e a figura igualmente obscura de Anne Locke, que publicou em 1560 a primeira sequência impressa de sonetos em inglês, uma série de meditações poéticas sobre os Salmos, aliás utilizando a nova forma sonetística de Surrey. Mas os inícios do período maior da literatura inglesa, com poetas como Sidney, Spenser, Marlowe, Shakespeare, Jonson e Donne, coincidem quase exatamente com o fim abrupto da literatura portuguesa celebrada nesta antologia.

Outras comparações podem, evidentemente, fazer-se através de saltos no tempo, tal como sugerimos em notas de rodapé – entre as élogas de Bernardes e as sátiras pastoris do Colin Clout de Spenser, entre a suavidade lírica dos poemas missionários de Anchieta e o verso devoto de George Herbert, ou ainda entre o ódio de Ferreira à poluição da cidade e as “fábricas satânicas” de William Blake. Embora fascinantes, tais semelhanças não apontam para influências mútuas, antes sugerem semelhanças de circunstância e temperamento.

Récitas de poesia funcionam tanto melhor quanto terminam cedo demais, deixando o público ansioso por continuar. Também as antologias servem melhor os seus objetivos quando deixam os leitores com vontade de mais. Cada um dos oito poetas selecionados e traduzidos aqui escreveu mais, amiúde muito mais, do que as escolhas que os representam. Não ocultamos o facto de considerarmos alguns dos poetas aqui representados merecedores de antologia em volumes individuais. A breve bibliografia que se segue a esta

sonnets of the mid-sixteenth century to compare with the depth and variety, the sheer wit, of the sonnets presented here by Sá de Meneses, Manuel de Portugal, Caminha and Bernardes.

Similarly, there is no English equivalent to Jerónimo Corte-Real. Edmund Spenser wrote the only major epic of the later 16th century, but it is modern only in its allegorical references, all the trappings being medieval. In any case, its first partial publication in 1590 and the influence Tasso exercised on Spenser reveals *The Faerie Queene* as a later product than anything in the Portuguese epics. It is pleasant to speculate that had Corte-Real been born in England, he might have found in early Elizabethan drama an outlet for his interest in fast, far-reaching narrative with wide ranging characters, employing the unrhymed iambic five-foot lines (heroic verse) first developed by Surrey in his translations of Virgil.

A parallel might perhaps be drawn between Joana da Gama and the equally obscure figure of Anne Locke who published in 1560 the first printed sonnet sequence in English, a series of poetic meditations on the Psalms, incidentally using Surrey's new sonnet form. But the beginnings of the greatest period in English literature, with such poets as Sidney, Spenser, Marlowe, Shakespeare, Jonson, and Donne, coincides almost precisely with the moment the Portuguese literature celebrated in this anthology came to an abrupt end.

Other parallels may, of course, be drawn across time as suggested in our footnotes – between Bernardes' eclogues and the pastoral satires of Spenser's Colin Clout, between the sweet lyricism of Anchieta's missionary poems and the devotional verse of George Herbert, or between Ferreira's hatred of the city with its fumes and William Blake's "satanic mills". But, fascinating though they are, such similarities do not point to mutual influences, rather to similarities of circumstance and temperament.

Public poetry readings work best when they break off too soon, leaving their audience eager to continue. Anthologies, too, best serve their purpose if they leave readers anxious for more. Each of the eight poets anthologized and translated here wrote more, often very substantially more, than the selections by which they are represented. We do not hide that we consider some of the poets here represented worthy of selections in individual volumes. The short bibliography that follows this introduction indicates where readers can find more of each poet – though the references are meagre, and most of them are to Portuguese editions with little as yet by way of English translation.

introdução indica onde os leitores podem encontrar mais de cada poeta – embora as referências sejam poucas, e a maioria delas seja de edições portuguesas com pouco ainda no que diz respeito a traduções inglesas.

Apesar de tudo, ler estes oito poetas em conjunto, num único livro, possui a vantagem inestimável de oferecer uma perspectiva privilegiada sobre o brilhantismo desta geração. Ao escreverem quase sempre nas décadas de 1550-80, partilharam com Camões um forte sentido do entusiasmo intelectual do Renascimento, com ênfase na contribuição de Portugal para os descobrimentos geográficos e no poder das formas tradicionais de expressão portuguesa em paralelo às novas formas emanadas de Itália. Mas também partilharam com Camões a ideia de que os grandes tempos de Portugal como potência imperial estavam já a passar, à medida que os Holandeses e os Britânicos se intrometiam nas suas possessões na Índia e os Árabes e Espanhóis em África. Uns mais diretamente do que outros foram sujeitos ao longo braço da Inquisição.* Para cada um deles (exceto Ferreira, que morreu em 1569), a derrota catastrófica do rei D. Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir em 1578** marcou o fim, não apenas duma época, mas do próprio país. É difícil não simpatizar com a recusa insistente de Manuel de Portugal, o mais longo vivo destes poetas, em reconhecer Filipe II de Espanha como novo rei de Portugal. Parece justo acrescentar que não houve uma geração comparável nas letras portuguesas desde então.

Landeg White

Hélio J. S. Alves

* O pai de Sá de Meneses, João Rodrigues, e o irmão mais velho daquele, António, foram presentes aos tribunais da Inquisição, embora Francisco pareça ter escapado. Os registos da Inquisição de Goa não se encontram disponíveis, mas há provas circunstanciais de que, quando Camões deixou Goa em 1566/inícios de 67, fugia da investigação inquisitorial.

** Bernardes foi capturado e Manuel de Portugal perdeu o filho mais novo, João, personagem que veio a surgir, trágica, numa das obras capitais de toda a literatura portuguesa, *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett (século XIX).

Reading these eight poets together in a single volume has, however, the inestimable advantage of throwing into sharp perspective what a brilliant generation this was. Writing for the most part in the decades 1550-1580, they shared with Camões a strong sense of the intellectual excitement of the Renaissance, with an emphasis on Portugal's contribution by way of her geographical discoveries, and of the power of Portugal's traditional forms of expression alongside the new forms emanating from Italy. But they also shared with Camões a sense that Portugal's great days as an imperial power were already passing, as the Dutch and British encroached on her possessions in India and the Arabs and Spanish in Africa. They were touched, some more directly than others, by the bat's wing of the Inquisition.* For each of them (except Ferreira who died in 1569), King Sebastian's catastrophic defeat at the Battle of Al-Ksar al-Kabir in 1578** marked the end, not only of an epoch, but of Portugal herself. It is hard not to sympathize with the stubborn refusal of Manuel de Portugal, the most long-lived of these poets, to recognize Philip II of Spain as Portugal's new king. It seems fair to add that there has not been since a comparable generation in Portuguese letters.

Landeg White
Hélio J. S. Alves

* Sá de Meneses' father, João Rodrigues, and his elder brother António, appeared before the Inquisition's courts, though Francisco seems to have escaped. The records of the Goan Inquisition are not extant, but there is circumstantial evidence that when Camões left Goa in 1566/early 67, he was fleeing their investigation.

** Bernardes was taken prisoner and Manuel de Portugal lost his younger son João, a figure that reappeared tragically in the drama *Frei Luís de Sousa* by Almeida Garrett (19th century), one of the defining literary works of Portuguese literature.